



Palavras do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no encontro com estudantes brasileiros

Residência de Protocolo do Conselho de Estado “La Mansión”

Havana – Cuba, 27 de setembro de 2003

A primeira alegria é a de poder encontrar vocês. Alguns, aqui, eu conheço desde o primeiro dia em que os convidei para fazer um curso em Cuba. Ou melhor, eu os consultei se queriam fazer um curso em Cuba.

O que o embaixador Tilden Santiago disse é verdade. Da outra vez que estive aqui, ouvi algumas reclamações dos alunos, que nem sempre tinham na embaixada brasileira o tratamento que entendiam que deveriam ter. Eu nem sei se o que vocês queriam era justo ou não, mas o dado concreto é que muitos me falaram que não tinham a compreensão que gostariam de ter.

Então, quando eu convidei o Tilden para ser embaixador, eu disse o seguinte: uma das coisas que eu quero que você faça é que mantenha a porta da Embaixada aberta, para que os nossos alunos sintam que a embaixada brasileira é o espaço deles em Cuba. Muitas vezes, nem sempre é assim em outros países também. E eu acho que a nossa Embaixada – é essa a orientação do nosso ministro Celso Amorim –, a Embaixada e o Consulado têm que ser um espaço onde os brasileiros se sintam em casa, que não sejam tratados como estranhos e que não deixem de ser atendidos nunca.

Essa foi a missão que eu passei para o Tilden, porque acho que é muito importante um brasileiro que está fora saber que, num momento de dificuldade, a Embaixada e todo o corpo de funcionários estão lá para atender os brasileiros que estão fora. É assim que deve ser e é assim que vai ser.

Bem, o segundo tema que eu quero falar com vocês é o seguinte: nós estamos há nove meses no governo. O processo de transformação que todos



nós queremos e sonhamos e por isso, batalhamos para ganhar as eleições – perdemos três vezes, antes de ganhar – é um processo difícil. Mas eu me levanto a cada dia mais otimista. Quero que vocês saibam que não há um único dia em que eu não me levante mais otimista do que no dia anterior.

Não há matéria de jornal, não há noticiário negativo ou positivo que me deixe arrefecer, do ponto de vista dos meus ânimos. Eu acredito no que estou fazendo, acredito na minha equipe, no povo brasileiro, na capacidade de organização da sociedade, e no que vamos fazer.

Obviamente, alguns não gostam, porque estavam habituados à política tradicional. Então, a mudança é sempre um choque, nem todo mundo a compreende, num primeiro momento. Mas nós compreendemos, sabemos o que queremos e sabemos como fazer para chegarmos aonde entendemos que precisamos chegar.

Quando tomamos posse, resolvemos reforçar a nossa política internacional. O companheiro Celso Amorim, essa figura excepcional da diplomacia brasileira, possivelmente tem trabalhado nestes nove meses o que muita gente não trabalhou em nove anos, numa dedicação total para cumprir a nossa estratégia de política internacional.

E essa estratégia não é nenhuma estratégia de grandes pensadores. É resultado de uma experiência simples que eu adquiri no Sindicato. Quando eu comecei a fazer sindicalismo, a gente convocava a assembléia e ninguém comparecia. Nós fomos descobrindo e colocando na cabeça do trabalhador, que era preciso que ele estivesse unido, para que nós pudéssemos conquistar algumas coisas. Em pouco tempo, nós conseguimos fazer o mais forte sindicalismo brasileiro.

Na política internacional, guardadas as proporções e os níveis de formação e de interação das pessoas, é a mesma coisa. Qual era o nosso primeiro problema? O nosso primeiro problema é que nós falamos em integração a vida inteira. Eu, há 30 anos, falo em integração. Aqui, alguém



talvez tenha falado em integração até antes de mim.

Então, o que acontece? Quando nós tomamos posse, começamos a chamar os Presidentes dos países para conversar. Eu achava que toda a política internacional do Brasil, que tem que ser ampla, geral e irrestrita, deveria começar em casa, deveria começar com os nossos vizinhos.

Resolvemos, primeiro, trabalhar para juntarmos a América do Sul. Começamos a conversar com a Argentina, com o Uruguai, com o Paraguai, com o Equador, com a Colômbia, com o Chile, com o Peru, com a Venezuela, com a Bolívia. Em nove meses nós fizemos, em alguns casos, mais de uma reunião com cada um dos Presidentes da América do Sul. Não apenas uma reunião entre Presidentes, mas uma reunião em que estavam presentes os Presidentes e vários ministros, para que cada ministro pudesse, com seu homólogo, fazer tratativas, fazer propostas para que se começasse a fazer um processo de integração efetiva na América do Sul.

E nós descobrimos que integração não pode ser apenas um discurso fácil. A integração pressupõe estradas, portos, aeroportos, hidrovias, ferrovias, pontes, pressupõe que se garanta o direito não apenas das pessoas, mas de os produtos transitarem entre os países.

Nós fizemos uma extraordinária reunião, no Rio de Janeiro, entre o BNDES, que é o nosso Banco Nacional de Desenvolvimento, e a CAF, que é o banco de fomento da Comunidade Andina. Discutimos os vinte e quatro projetos mais importantes para o Continente, dois por país. Agora, em dezembro, deveremos formatar definitivamente esses projetos. E vamos ver quais os projetos que temos capacidade financeira de, entre nós mesmos, construir; e quais os projetos que vamos ter que buscar recursos lá fora, para conseguirmos fazer a integração.

Desde muito jovem eu já ouvia falar da integração do Brasil, via Pacífico, com o mundo asiático. Mas faz quarenta anos que é preciso fazer uma ponte de 140 metros, no rio Acre, na divisa com o Peru e não é feita. Então, não há



integração, fica só no discurso. Nós vamos, então, sair do discurso para a prática. Vamos tentar tornar realidade esse processo de integração.

Esse é o primeiro passo. E acho que isso está se consolidando rapidamente, a começar pela recuperação do Mercosul e da nossa boa relação com a Argentina, com o Uruguai e com o Paraguai. É importante compreender que o Brasil, por ser a maior economia, por ser o país mais industrializado, tem que ter gestos de generosidade para com seus parceiros. Ou seja, em muitas coisas, nós é que temos que tomar a iniciativa, até de financiamento de alguma obra nos países que menos podem.

Por exemplo, se nós quisermos contribuir com o Paraguai, para que ele se industrialize, vamos ter, obviamente, de realizar a política grande de financiar alguma coisa no Paraguai.

O segundo passo da nossa política internacional já começou e vai ser executado pessoalmente, por mim, no dia 3 de novembro, quando vamos visitar cinco países africanos. Vamos à África do Sul, à Namíbia, Angola, a Moçambique e a São Tomé e Príncipe. Vamos estabelecer acordos na área da saúde. O Brasil tem condições de ajudar os países africanos a combater, sobretudo, a AIDS. O Brasil tem uma boa experiência, uma boa política. Nós poderemos trabalhar acordos de produção de remédios conjuntos. Temos condições de fazer acordos no campo educacional. Acho que o Brasil tem que ser generoso e oferecer mais vagas para estudantes africanos virem para o Brasil.

Nós temos condições, com a Petrobrás, de fazer parcerias com países que têm petróleo. Temos condições de convencer empresários brasileiros a fazerem investimentos. Eu tenho provocado os empresários brasileiros, dizendo que eles não têm que ter medo de ser multinacionais. Eles precisam começar a fazer investimentos em outros países, porque nós queremos que os outros façam no Brasil. Então, é preciso que haja reciprocidade.

E o terceiro passo da nossa política internacional vai ser dado no dia 5



de dezembro, quando vamos fazer uma visita a sete países árabes. E por que vamos visitar países árabes? Porque queremos integrar tanto a África quanto os países árabes ao Mercosul, à América do Sul. Estamos programando, para o próximo ano, uma reunião entre os Presidentes da América do Sul e os Presidentes dos países árabes. Queremos estabelecer uma melhor política comercial; queremos estabelecer a política de mostrar que o Brasil é um bom espaço para que eles façam os seus investimentos e queremos estabelecer parcerias com eles nas obras de infra-estrutura de que tanto precisamos no Brasil.

Isto significa que vamos estabelecer um outro padrão de política. Nós já criamos o chamado G-3, uma aliança entre Brasil, África do Sul e Índia. Nós estamos trabalhando, agora, para fazer com que essa parceria chegue ao G-5, juntando China e Rússia nessa parceria.

E por que isso? Porque nós compreendemos a importância da relação do Brasil com a União Européia e com os Estados Unidos, porque são os dois blocos, os Estados Unidos individualmente e a União Européia enquanto um conjunto de países, com quem nós temos, praticamente, 55% de toda a nossa relação comercial. Eles são muito importantes na relação com o Brasil e queremos aperfeiçoá-la.

Mas nós também aprendemos, na vida, que se a gente ficar viajando o mundo e contando para todo mundo que nós somos pobrezinhos, que nós temos muitos analfabetos, que nós temos muitas crianças de rua, isso não ajuda e não conquista respeito.

Então, o que nós estamos fazendo? Estamos juntando países que têm similaridade com o Brasil, que têm importância populacional igual ou maior do que o Brasil, que têm um PIB mais ou menos semelhante ao do Brasil, que têm renda per capita mais ou menos igual à do Brasil, para nos juntarmos e dizer: Nós temos força.

O G-22, criado em Cancún, representa, na verdade, mais da metade da



população mundial. Obviamente que os países ricos poderão querer fazer acordos bilaterais, para tentar dividir cada um de nós. Cabe a nós sermos inteligentes e espertos e sabermos que o que nos dá força é a manutenção dessa unidade entre esses países, para negociarmos comercialmente com os nossos parceiros mais ricos, que são os Estados Unidos, a União Européia e o próprio Japão.

Então, nós estamos fazendo esse jogo porque entendemos que chegou o momento de o Brasil ocupar o espaço que lhe é de direito no mundo. Nós não queremos estabelecer nenhuma relação de hegemonia com nenhum país. Nós queremos estabelecer relação de parceria, de companheirismo, sendo generoso com quem é mais pobre do que a gente, sendo leal com quem é maior do que a gente e sendo, na verdade, parceiro de todos os países do mundo.

Essa nova dinâmica da nossa política internacional é que tem dado ao Brasil um destaque que tem deixado muita gente assustada. Num primeiro momento, fizeram muita crítica e, agora, as pessoas estão compreendendo que o jogo está sendo feito com a maior seriedade do mundo.

Temos dito para todo mundo: nós não queremos ser tratados diferentemente. Nós só queremos ser tratados em igualdade de condições. Eu, toda vez que posso, digo: respeito é bom, eu dou e gosto de receber. É apenas isso que nós estamos fazendo na nossa política internacional, e vamos fazer muito mais.

Se depender do nosso esforço, se Deus quiser, quando chegar dezembro vamos ter todos os países da América do Sul no Mercosul. O Peru está se integrando, a Venezuela, a Colômbia e o Equador estão se preparando. A Bolívia já é meio parceira, o Chile também. Então, nós vamos tentar fazer com que o Mercosul seja, efetivamente, um bloco econômico, até para que, quando tivermos que negociar o Acordo de Livre Comércio com os Estados Unidos, estejamos preparados, do ponto de vista não apenas da defesa dos



nossos interesses estratégicos, enquanto país, mas da defesa da nossa indústria, da nossa tecnologia e da nossa agricultura.

Muita gente acha que nós somos duros. O que eu tenho dito? Tenho dito que nós queremos ser iguais ao que os Estados Unidos são, na negociação internacional. Nem mais e nem menos. Os Estados Unidos brigam pela defesa dos seus interesses. Nós é que temos que ter coragem de brigar pelos nossos interesses sem imaginar que, pela nossa pobreza, alguém vai ter dó de nós e vai fazer concessão.

No jogo internacional não é assim, nem no futebol é assim, cada jogador que entra em campo entra para ganhar e joga pesado, senão não ganha.

A política internacional é exatamente isso. Eu falo sempre de futebol, porque todo mundo entende um pouquinho. Quando o Brasil jogava vôlei aqui, contra Cuba, as jogadoras brasileiras e as cubanas ficavam brigando ali, embaixo da rede. Tinha uma cubana chamada Miréia, que provocava as brasileiras o tempo inteiro, com que objetivo? Com o objetivo de ganhar o jogo.

E nós estamos fazendo isso porque queremos ganhar o jogo. Nós queremos apenas dizer: olha, existimos, somos uma nação grande, temos capacidade e competência e queremos ocupar o nosso espaço.

E isso tudo aconteceu muito rapidamente porque não estava previsto que tivesse a repercussão que teve a minha ida a Davos. Havia gente que achava que eu não deveria ir porque eu pertencia ao Fórum Social Mundial de Porto Alegre e os companheiros não iriam entender. O que eu fiz? Eu fui ao Fórum de Porto Alegre dizer que ia a Davos.

Acho que a repercussão foi a mais positiva possível. Por conta disso, eu fui convidado para ir a Evian participar do encontro do G-8 mais 12 países, o que também foi muito importante. Em todos esses encontros eu tenho levantado a questão da necessidade de se criar um Fundo Mundial para combater a fome.

Agora, na ONU, outra vez, eu repeti a idéia de se criar um Conselho



entre os chefes de Estado, para que a gente possa combater a fome. E fiz um gesto pessoal: nós entregamos ao secretário-geral da ONU, Kofi Annan, uma lista de 14 empresários que contribuíram com 1 milhão e 600 mil dólares para começar esse Fundo, porque tem muito fundo na ONU, mas não tem dinheiro. Então, é preciso ter dinheiro.

Eu ganhei 55 mil dólares do prêmio Príncipe das Astúrias e doei o Prêmio para esse fundo da ONU. É pouco, mas é para ver se incentivamos outras pessoas, que têm até um pouco mais do que eu, a doar um pouquinho, para ver o que a gente consegue.

Eu disse ao Kofi Annan: O Brasil, necessariamente, não precisa o dinheiro desse Fundo. Esse Fundo é para ajudar os países mais pobres do que nós. O Brasil é um país rico, tem condições. Nós precisamos é fazer as coisas a partir do que temos. Mas há países que não têm condições. Então, esse Fundo é para tentar ajudar esses países mais pobres que o Brasil.

E eu tenho certeza de que a gente está no caminho certo. Se, durante muito tempo, esse assunto não foi discutido com a seriedade devida, eles agora sabem que em todo lugar em que eu estiver, a questão da fome será colocada, não como um problema nosso, porque estamos resolvendo, mas como um problema da Humanidade e, portanto, como uma responsabilidade de todo mundo.

Eu queria dizer isso para vocês, porque vocês estão virando internacionalistas e é importante saber que a vocação do Brasil não é de ficar encolhido na América do Sul, como se fosse um país insignificante. A nossa vocação é, com muito respeito e com muita generosidade pelos outros, querer ocupar um espaço político, comercial e cultural maior do que a gente ocupa, até agora.

Para terminar, eu quero dizer para vocês da satisfação de tê-los aqui. Possivelmente, quem teve a oportunidade de estudar em uma universidade no Brasil – aqui há muitos, do meu lado – não tenha a percepção da importância



de um jovem entrar numa universidade. No Brasil, muitos não conseguem, não por falta de conhecimento, mas porque não têm dinheiro para pagar. Lamentavelmente, no nosso país, é exatamente o pobre que não pode entrar na universidade pública e tem que ir para uma particular e pagar um dinheiro que, normalmente, não tem. Então, as pessoas desistem quando terminam o secundário.

Isto aqui é uma oportunidade de lição de vida. Ficar longe da família, dos namorados, das namoradas. É uma lição de vida. Eu não tenho dúvida nenhuma de que vocês voltarão para o Brasil muito mais qualificados, politicamente, moralmente, eticamente e profissionalmente.

Eu não tenho dúvida nenhuma de que vocês vão ser extraordinários profissionais. Obviamente, isso não é apenas pela qualidade do diploma que vocês vão ter, mas é pela qualidade do compromisso que vocês vão assumir com o nosso país.

Acho que é muito importante e muito gratificante o papel do governo cubano, de permitir estudos aos nossos alunos que não têm dinheiro – porque alguns vieram para cá pagando, outros vieram com bolsa de estudos. Mas alguns companheiros vieram para cá quando o dólar equivalia a 1 real: era tudo muito bonito, o dólar a 1 real: só que, depois, o dólar passou de 1 real para 4 reais. Então, a situação das famílias ficou difícil e muitos pais não tiveram mais dinheiro para pagar.

Quero dizer para vocês que tenham a clareza de que podem dar uma contribuição enorme para o país, quando voltarem. O nosso país tem carências, não de profissionais, porque acho que nós até temos médicos. O nosso problema, não só nosso, mas de outros, é que, muitas vezes, os profissionais estão concentrados nos grandes centros urbanos e é preciso levar projetos para aqueles que realmente precisam de saúde.

Achamos que as políticas que estamos adotando, de médicos de família, pode ajudar muito. O programa Fome Zero – vocês vão ler – já está atingindo



1.196 cidades do Nordeste e do Norte do país. Já estamos atingindo, praticamente, 7 milhões de pessoas e 1 milhão e 400 mil famílias. No final de outubro, vamos anunciar a unificação das políticas de assistência social no Brasil. Vamos tentar pegar quase todas as políticas, divididas por Ministérios, e vamos fazer uma coordenação única, para que possamos atender mais gente, no menor espaço de tempo possível.

Ontem, fizemos vários acordos e protocolos de intenções com o governo cubano, na área da educação, na área de esportes, na área da saúde, na área da indústria. Ou seja, as coisas estão começando a andar do jeito que queremos que andem.

Hoje, recebi, aqui, a mãe do brasileiro que está preso. Hoje, conversei com o cardeal dom Jaime e com o monsenhor Carlos. E, daqui a pouco, vamos ter uma reunião com os empresários brasileiros, no Hotel Nacional. Em seguida, vou almoçar com o presidente Fidel Castro e conversar um pouco sobre política. Regresso ao Brasil com a certeza de que meus filhos estão bem de saúde, de moral e ética. Estão muito bem.

/mcpro/lrj